



PROCESSO DE TRABALHO EDUCATIVO E O MAL-ESTAR DOCENTE: A FABRICAÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSORADO

BALINHAS, Vera Lúcia Gainssa¹; VIEIRA, Jarbas Santos²; MARTINS, Maria de Fátima Duarte³; GARCIA, Maria Manuela Alves³; ESLABÃO, Leomar da Costa⁴; SILVA, Aline Ferraz⁴; FETTER, Carmem Lúcia⁴.

¹Doutoranda FaE/UFPel- balas@vetorial.net; ²Coordenador do projeto de pesquisa e professor do Depto de Ensino - UFPe/FaEI, ³Professoras do Depto de Ensino – FaE/UFPel; ⁴ Doutorando FaE/UFPel e participantes da pesquisa

1. INTRODUÇÃO

Esta investigação explora os possíveis elos entre o *mal-estar docente* e as novas exigências do “ser professora”, veiculadas pelas reformas educacionais e curriculares implementadas no Brasil nesses últimos vinte anos. Trata de privilegiar as dimensões do trabalho que, neste momento de globalização neoliberal, estão provocando um processo de adoecimento do professorado, cada vez mais submetido a exigências técnicas e burocráticas em suas atividades profissionais. Neste estudo apresentamos um corte qualitativo de uma pesquisa que também tem uma dimensão quantitativa.

2. METODOLOGIA

O processo de investigação se deu através de entrevistas com professoras municipais da cidade de Pelotas que haviam solicitado licença de saúde no período de 2006-2007. O estudo reflete sobre o que dizem as professoras em temas como condições e processos de trabalho docente, visões/imagens da educação e a relação entre trabalho e saúde.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Muitas professoras são capturadas por formas de agir, sentir e pensar que as responsabiliza pelo processo educativo, pelas condições de trabalho, pela ineficiência do sistema público, cabendo-lhes a tarefa de lutar pela educação; uma conduta balizada pela auto-exigência, pelo auto-investimento na tarefa de educar.

Os discursos das docentes são marcados por um desejo de ajudar e transformar quase religioso e maternal. Todavia, no decorrer dos anos, elas mostram que as expectativas vão sendo desmanchadas pelas escassas respostas e pouca satisfação na execução das atividades educativas, assim como na transformação das condições de trabalho, e mesmo, pela imperceptível ou quase inexistente mudança da realidade das crianças e dos jovens com quem diariamente têm contato.

Por outro lado e somando-se a isso, o trabalho e suas relações com o salário, a aposentadoria e o acesso a planos de saúde tornam, nas condições atuais, o ofício de professora mais árduo e árido.

Mostra-se dentro deste movimento, um processo gradual de privatização das políticas sociais para os demais, ficando ao encargo dos indivíduos os mecanismos de segurança que garantirão sobrevivência, saúde, aposentadoria.

As preocupações com o baixo salário, os desgastes emocionais e físicos do trabalho (turmas lotadas, estudantes com carência de muitas ordens, falta de materiais didáticos, ambientes sem conforto, etc.) mudam a conduta das professoras, conduzindo as profissionais da educação a adotar medidas emergenciais, que reorganizem as emoções, os sentimentos de inadequação e as desordens do corpo, para lidar rapidamente com as demandas do dia.

Palavras como carências, salas de aula sem reboco e sem pintura, praças e pátios abandonados, móveis quebrados, recursos didáticos de baixa qualidade ou inexistentes circulam nas conversas com as professoras entrevistadas... Elas mostram a necessidade de negociar seu ofício com as condições de trabalho quase inviáveis. Essa negociação implica inventar materiais, a improvisação e a criatividade são alguns dos expedientes usados para aliviar/atenuar tal situação.

Para executar as tarefas de forma um pouco mais prazerosa, em lugares um pouco mais agradáveis e com recursos adequados, as professoras compram, do

próprio bolso, materiais para auxiliar estudantes carentes, recolhem trocados e doações para garantir o básico: canetinhas, tintas, colas, lápis, borrachas... O que pode caracterizar uma dimensão de doação e idealismo associados ao trabalho escolar.

4. CONCLUSÕES

Muitas vezes, a professora não recebe reconhecimento pelo seu trabalho, pelo seu bom desempenho em sala de aula; reconhecimento dos superiores sobre suas responsabilidades, pontualidade, dedicação ao trabalho com famílias, por exemplo. Outras vezes, a professora experimenta uma total falta de autonomia para decidir sobre seu processo de trabalho. Essas desconsiderações e tutelas (controles) seriam motivos suficientes para o professor “ter vontade de desistir”, mas como entender que essa sensação não é igual para todos os professores?

De acordo com Codo (2002), o conflito dos que trabalham cuidando de outros configura-se sobre dois canais, sendo um afetivo e outro racional. Algumas pessoas, devido às suas próprias características de personalidade, irão se valer de um enfrentamento mais afetivo do conflito, enquanto as outras, de um enfrentamento em nível mais racionalizado. Desta maneira, os sintomas talvez sejam vividos de forma individualizada e alguns esforços têm sido feitos no sentido de traçar um perfil da educadora que é mais susceptível ao sentimento de *burnout* ou mal-estar docente.

O volume de trabalho e a precariedade das condições existentes, a diversidade e a complexidade das questões presentes na sala de aula e, ainda, uma expectativa social de excelência, podem estar na origem de queixas e adoecimento na categoria. Enfrentar esses problemas é enfrentar as estratégias que vêm sendo aplicadas à educação para transformá-la em um negócio lucrativo para o mercado globalizado e, ao mesmo tempo, combater a identidade fabricada pelas políticas governamentais que em nada diferenciam as professoras e os professores de estressados mercadores de competências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CODO W. (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes/1999, 3 edição 2002.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.